HOMENAGEM A ARARIPE JÚNIOR

Na sessão do dia 27 de Junho o Instituto prestou homenagem a Araripe Júnior, por motivo do primeiro centenário do seu nascimento.

Foi orador da solenidade o consócio Luiz Sucupira, que proferiu o seguinte discurso:

A segunda metade do século XIX representou para o Ceará o ponto culminante na sua história literária.

Não há notícia, em toda a evolução cultural brasileira, de tão vasta condensação de valores, de tão grandiosa afirmação de actividades polimorfas da inteligência, num desabrochamento que possui algo de espantoso, dado, sobretudo, o aspecto até alí retraído e por assim dizer de ataraxia do ambiente literário da Província.

De um momento para outro, com o surgir, em 1872, na pequenina Fortaleza, da alcunhada Academia Francesa, rebenta uma floração de talentos e manifesta-se numa afirmação de vitalidade intelectual que ainda hoje provocam espanto e a admiração de quantos computam os fastos espirituais de nossa terra.

Nessa ebolição quase fantasmagórica de ideias, desenvolveram-se e afirmaram-se todos os grandes nomes que enchem de brilho a constelação das letras cearenses, e que ocupam igualmente lugar de relevo na vida cultural do Brasil.

Nunca, nem antes nem depois desse período verdadeiramente áureo da inteligência prática, registrara o movimento intelectual em toda a nação, desde os tempos coloniais aos dias em que vivemos, uma tal germinação de valores, com repercussões inconcussas em todos os quadrantes do pensamento em acção.

José de Alencar, estreando vitorioso com o "Guarani", em 1857, como que abriu o cortejo dessa via-láctea resplandecente, despertando nos seus irmãos de berço o entusiasmo pelas coisas do espírito, apreciadas em particular sob um prisma estritamente nacionalista.

Ele não é só um grande romancista brasileiro, mas, sem favor, sem exageros regionalistas, o maior dos romancistas do

Brasil. E' justa, pois, a afirmação de Ronald de Carvalho, sustentando que, antes de Alencar, houve apenas tentativas mais ou menos felizes na prosa de ficção, mas todas elas de apoucado merecimento literário. Como Chateaubriand, na França, ele nos ensinou a ter estilo, a ver o romance como obra de arte, a prezar o brilho da forma e, sobretudo, a cultivar a nossa língua brasileira, com as suas particularidades, com os seus modismos, com a sua construção mais leve e até com a sua sintaxe mais ampla, mais folgada e mais livre.

Com tal mestre e patrono, cujos estímulos e cujo renome espicaçavam emulação e companhia, desenvolveu-se em nosso meio uma plêiade fogosa de escritores, a ponto de José Veríssimo, cuja proverbial frieza no louvar era conhecida, dizer sem rebuços que, "no decénio de 70 a 80, talvez seja, depois do Rio, o Ceará a terra do Brasil onde é menos apagada a vida literária e maior a produção".

Realmente, os nomes cearenses avultavam em todas as manifstações da actividade intelectual e tomavam de assalto posições ainda agora não ultrapassadas no vasto cenário da cultura e do saber.

Assim é que, além de Alencar, o romance era dominado por Franklin Távora; o direito, por Clóvis Bevilaqua; a poesia, por Juvenal Galeno; o jornalismo por João Brígido; a filosofia por Farias Brito; o ensaio por Rocha Lima; a crítica literária por Araripe Júnior; a história por Capistrano de Abreu, para citar apenas os que avultaram, que se sobrepujaram, que extravazaram limites regionais e nacionais atingindo os distantes meios alienígenas, para grandeza e respeito da inteligência brasileira.

Assim, houve na história da literatura pátria um ciclo cearense, como se registrou uma escola pernambucana, um grupo baiano, uma plêiade mineira. E se os cronistas não nos registram é tão só por que, como dizia em 1927 Tristão de Atayde, "nada demos a essa terra amassada com suor e lágrimas, onde a chama da inteligência nunca se apagou de 1859 a 1896, a esse Ceará que tudo nos deu, a esse remoto Ceará que desperta em todos os brasileiros um sentimento à parte, misto de respeito e de remorso".

Entre os nomes que proporcionaram renome à Academia

Francesa do Ceará figura o de Tristão de Alencar Araripe Júnior, que já estreara no Recife, em 1868, com os "Contos Brasileiros", e sob o pseudónimo de Oscar Jagoanhara.

Araripe Júnior, como está consagrado nas letras pátrias, parece haver trazido aquela predestinação de uma raça, de que falou no "Iracema" seu parente Alencar, quando apresentou o primeiro cearense, ainda no berço, emigrando da casa paterna.

Ele próprio, no "Cajueiro do Fagundes", vê nessa propensão do filho do Ceará em buscar o desconhecido, "algum impulso nato que tange a raça para a vida aventureira".

Nascido em Fortaleza, em 27 de Junho de 1848, aos 6 anos já se encontra no Pará; aos 8, no Espírito Santo; aos 11, em Pernambuco; aos 22 em Santa Catarina, aos 23 no Ceará e aos 32 no Rio, onde vem a falecer no dia 29 de Outubro de 1911.

Filho do conselheiro Tristão de Alencar Araripe, herdou do pai ilustre o amor às letras e o culto a Témis, pois se cabe a Clóvis Bevilaqua a paternidade honrosa do vigente Código Civil, foi outro cearense, Tristão de Alencar, o primeiro a codificar em 1885 o esparso direito civil brasileiro.

Bacharelando-se pela Escola do Recife, onde se deixou influenciar pela pregação filosófica naturalista de Sílvio Romero e Tobias Barreto, o jovem Araripe Júnior seguia após, em 1870, para Santa Catarina, onde funcionou como secretário do governador. Atraído, na certa, como sucede com todo cearense, pelos apelos saudosos da terra natal, em que pouco vivera, mas, que aprendera amar e a que desejava servir, desempenhou, de 1872 a 1876, o cargo de juiz de Maranguape. Novamente impulsionado pelo espírito aventureiro da raça, emigra para o Rio e ali monta banca de advogado, exercendo a profissão até 1886, quando foi nomeado oficial da Secretaria do Império, chegando, por fim, a desempenhar o cargo de Consultor Geral da República, de 1903 até o dia da sua morte.

Quando se cogitou de fundar a Academia Brasileira de Letras, em 1897, Araripe Júnior ocupava de há muito lugar destacado nas esferas da intelectualidade patrícia, e a prova disso é que foi um dos fundadores da Imortal Companhia, ocupando a cadeira n. 16 e escolhendo para seu patrono o poeta Gregório de Matos, que já havia sido objecto de um dos seus magistrais estudos críticos, editados em 1894.

Foi também esse estudo, com outro já publicado, em 1882, sobre José de Alencar, que lhe abriu as portas do Instituto Histórico e Geográfico do Brasil, em 1893.

Sua bibliografia é vultosa e multiforme. Começou escrevendo contos, entregando-se dopis ao romance, destacando-se nesse género "O ninho do beija-flor", publicado no Ceará, em 1874; "Jacina a Marabá", editado no Maranhão, em 1875; "Luisinha", saído no Rio, em 1878; "O Quilombo dos Palmares", "O Guaianaz", "O Cajueiro do Fagundes" e "Miss Kate" sucessivamente. Escreveu ensaios, como a "Função normal do terror nas sociedades cultas", 1891; e Diálogos das novas grandezas do Brasil", com o pseudónimo de Cosme Velho, em 1909. Publicou três volumes dos "Pareceres" que emitiu como Consultor Geral da República, entre 1903 e 1911. Versou o jornalismo de maneira constante, colaborando em periódicos de quase todo o País. Mas a sua principal nomeada no ambiente cultural adquiriu-a, conquistou-a no exercício da crítica literária.

Félix Pacheco, ao fazer-lhe o elogio, quando o substituiu na Academia de Letras, afirmou que "ninguém, nestes dois ou três últimos decénios, animou mais a juventude literária do Brasil do que Araripe Júnior" que, como um "pai espiritual", se transformou em "dilecto mentor afectuoso de quantos no Brasil começavam".

Aliás, viu José Veríssimo nessa benevolência acolhedora tão somente "uso imoderado da complacência" com que temperava a aplicação muito aproximada das doutrinas críticas de Taine.

Sílvio Romero também aponta Araripe Júnior como discípulo de Taine, a quem seguia com distinção mas sem iniciativa, e isso porque lhe faltava o temperamento.

Prefaciando o seu "Ibsen", Araripe Júnior confessa ter sofrido a influência do autor da "História da Literatura Inglesa", e adianta ser bem provável que, sem ele, ainda estivesse jungido ao sistema das causas fortuitas. Mas acrescenta que essa influência, apesar de lhe ter sido extremamente benéfica, não o avassalou e, por mais entusiasmo que gerassem em seu espírito as leis da estética, analisadas pelo mestre francês, encontraram elas no seu método sóbria e cuidadosa aplicação.

Ronald de Carvalho, encarando o assunto mais de longe e,

por isso, com mais isenção de ânimo, comprova esse afastamento entre os dois críticos, o brasileiro e o francês, demonstrando à saciedade que o subjectivismo do cearense estava em flagrante contraste com o objectivismo às vezes até afectado do autor da "Filosofia da Arte".

Outra injustiça que Silvio Romero comete para com Araripe Júnior, a quem diz prezar como dos seus mais ardentes apreciadores, é negar-lhe a prioridade de "crítico moderno".

Afora o próprio Sílvio Romero e o mesmo José Veríssimo, que outro expoente em subtileza, profundidade e sentido superior no julgamento, nos proporciona crítica literária aproximada ou melhor da que versou o escritor cearense? Houve Rocha Lima, falecido em 1878, aos 23 anos, quase imaturo, e que não pode assim levar ao apogeu a evolução do talento que lhe guardava o cérebro possante.

Pereira da Silva, com os seus "Varões ilustres do Brasil", não passa de comentador adocicado e duvidoso; Noberto de Sousa coleccionou biografias valiosas, mas exageradamente inçadas de elogios; Sotero dos Reis ajuntou em cinco volumes óptimas achegas para uma apreciação de ambiente literário brasileiro, mas sem um critério seguro de observação, e à margem de qualquer recomendável processo crítico.

Araripe Júnior, como Alencar no romance, foi indiscutivelmente um inovador na crítica literária.

Influenciado pela arte e pela estética de Taine, fez da crítica uma das facetas da cultura, empregando-se em descobrir as correlações dos estilos e as suas influências à distancia, no tempo e no espaço.

Não se pode afirmar que ele tenha sempre alcançado tal desiderato, donde serem admissíveis as reservas que se façam em torno do seu estilo, por vezes impreciso, e sem o necessário colorido no expor das ideias, como diz Ronald de Carvalho. Por outro lado, certas imagens obscuras, certas aproximações intempestivas perturbam-lhe, frequentemente, a clareza dos comentários.

Mas a segurança, o equilíbrio e a medida na análise e no julgamento ressaltam-lhe o espírito crítico e lhe dão, nesse tocante, autoridade e primazia que o tempo se encarregou de confirmar e consagrar. Ele não foi uma diletante, como sustenta

José Veríssimo, porém um apaixonado carinhoso da sua arte, que exerceu com brilho e exalçou com alma.

Depois, é preciso situar o homem no seu meio e no seu tempo, sem esquecer ainda o substratum ideológico da sua formação interior, alucinado por uma filosofia sem finalidade. Araripe Júnior infelizmente não conseguiu despir a túnica de Néssus de que se revestira na companhia de Tobias Barreto e Sílvio Romero. Cultuava a ilusão científica e, apesar dos pesares, não se libertou dos apriorismos insinuantes e paradoxais de Taine, como não se desvinculou do impiedoso e fatal evolucionismo de Spencer.

Apesar de escrever que "a alegria interior passou a ser para mim um credo" e de tê-la alcançado "graças ao estudo e reflexão dos textos originais dos grandes pensadores", não deixava de confessar aos íntimos trazer a "alma mergulhada em tristeza".

Dentro da sua jovialidade, por assim dizer arquitectada, e que Sílvio Romero chegou a denominar de "jogralidade", vez por outra ficava pensativo, "perguntando a mim mesmo se não terá fundo de verdade o princípio hostilizador a que a superstição astrológica subordinava a vida de algumas pessoas".

Era o temor do indefinido e do indefinível, que a ciência não explica e que a consciência não deixa para sempre mergulhado nos mais íntimos refolhos dos arquivos do esquecimento.

Nesses instantes, sem poder voltar-se para o sobrenatural que a doutrina spenceriana destruíra, apelava para a poesia, declarando que "a alma humana é uma criança que precisa vez por outra de ser acariciada, animada, ninada ao colo da poesia".

Daí a afirmtiva de Capistrano de Abreu, seu companheiro de muitos anos, desde os dias da Academia Francesa do Ceará até a Academia Brasileira de Letras, que "Araripe Júnior encobria com a máscara de Falstaff a alma dolorida de René".

Na sua fotografia mais conhecida e mais espalhada, que ele próprio achou óptima em carta dirigida ao Barão de Studart, nota-se esse desalento na expressão, essa resignação de enfermo que convalesce, essa manifestação de alma que já nasceu com uma ferida, embora por sem dúvida, muito contribuirem para isso a viuvez sempre chorada e o desgosto profundo de que se deixou possuir ao perder o pai, em 1908, facto que lhe deu aquela

"máscara hepática", conforme sua própria denominação, e que apressou de modo visível a sua morte.

Padecia, na afirmativa de Félix Pacheco, de pausas dolorosas, das quais saía mais espiritual, mais sutil e luminoso, porque amava a vida com todos os seus optimismos e dissabores, a vida no seu desdobramento ilógico, para quem não tem fé, e a humanidade como se apresenta, complexa, estranha e variada.

De facto, a sua alma complexa abria-se às complexidades, e por isso o vemos procurando sem cessar o nexo material das ideias e explicações variadas para os destinos humanos.

Apesar de toda a sua sisudez não sentiu menoscabo em pertecer ao "Clube de Rebelais", no qual, justamente com Lúcio de Mendonça, Saíd Áli, Urbano Duarte, João Ribeiro, Max Fleuss, Raul Pompeia e Valentim Magalhães, se entregava aos divertimentos da vida boémia, em boas festas e comezainas que bem traduziam a particularidade típica daqueles tempos, quando os talentos e o espírito buscavam os ambientes mais ruidosos dos restaurantes ou dos cafés concertos para suas afirmações literárias.

E' certo que Araripe Júnior não chegou até os rapazes da "Conquista", imartalizados pela pena de Coelho Neto e que Olavo Bilac chorou numa das suas admiráveis crónicas estampadas àquele tempo na "Notícia", com a seguinte remembrança: "O sonho repele as almas velhas. A nossa geração já passou a sua idade de ouro, e só dificilmente descobre, agora, nos lábios, um sorriso para saudar a natureza e uma estrofe no coração para cantar as mulheres. Lembras-te tu, Coelho Neto, alma de fogo que, para iluminar as tristezas da vida, te abrias em clarões de imagens e de estilo — dos bons tempos em que não trocarias por todas as alegrias da terra o teu casaco surrado e os teus períodos de ouro? Lembras-te tu, Aloísio Azevedo, do tempo em que atravessavas a vida, de olhos e ouvidos cerrados ao barulho e ao espetáculo do mundo, porque tua alma, carregada de sonhos, vivia fechada consigo mesma, concentrada no grande trabalho da gestação da tua obra? Lembras-te tu, Luís Murat — poeta do amor e da tristeza, — dos tempos em que, com os pés na terra e a cabeça nas nuvens, só tinhas olho para a contemplação do teu ideal, que fugia? Lembras-te tu, Guimarães Passos — boémio fugido de uma página de Murger, —

dos tempos em que, com a boca transbordante de rimas puríssimas e os sapatos cheios de remendos, passavas pela rua do Ouvidor, embrulhado na tua pobreza, como num manto de rei? Lembras-te tu, doce Pardal Mallet, do tempo em que, como um paladino antigo, D. Quixote amantíssimo, saías a campo em defesa de todos os humildes, tendo a dourar-te a cabeça desgrenhada a mesma luz do céu que te inundava o coração? Onde a nossa fé, onde a nossa alegria desses tempos?".

Menos banhado do jovialismo pessimista dessa fase movimentada e rumorosa da crónica literária brasileira, Araripe não podia fugir porém ao tipo de intelectual do seu tempo, mesmo porque ainda não atingira os cinquenta anos, sofrendo assim as atrações do meio e as contingências da época, apesar do seu título de "membro do Instituto".

O seu pessimismo foi por ele mesmo classificado de independente, ao tripartir assim essa doença da alma: "Existe o pessimismo filosófico, arrebatando ao homem as próprias causas de viver, suprimindo a vida como único meio de eliminar a faculdade de sofrer; e pessimismo criado pelas ansiedades da vontade e que devastam a alma ávida de futura coisas belas que custam a chegar; e pessimismo de espíritos independentes e finos que, desdenhando um pouco a dor alheia, aconselhados com a sua superioridade, menoscabam a tolice humana e divertem-se na contemplação das infantilidades e grosserias do maior número.

Esse jogo de opiniões, essa contradição velada aqui e aparente ali são bem a prova de que foi ele, como sustentou Félix Pacheco, uma vítima dessa febre eterna de conhecer à própria custa o inapreensível e que acaba sempre no desalento final do mistério, na impotência e no desconsolo.

Aliás é ele próprio quem afirma terem sido objecto de suas preocupações todos os pontos de vista da exegese moderna, porque toda ideia, boa ou má, aproveitável ou inesquecível é sempre humana. "Assim pois, confessa, acostumei-me a nada desprezar. O próprio pessimismo e os seus variadíssimos dialectos literários, ocultismo, decadismo, pre-rafaelismo, wagnerismo têm-me ensinado a discernir melhor as coisas humanas e a dirigir o espírito, pondo de lado o que é fortuito".

Apreciando a obra de Machado de Assis, tem palavras aze-

das para o que chama de "misticismo moderno", com os seus respectivos credos de destruição da carne e purificação da ideia, acreditando, no entanto, que "dessa luta por novos ideais comecem a surgir produtos capazes de rivalizar com os primores dos mestres de todas as épocas, logo que os novos revolucionários consigam explicar desacordos com os progressos científicos do século XIX".

O sexagenário de 1900 ainda continuava o ardoroso conferencista da Escola Popular, fundada pela Academia Francesa em 1874, em que no testemunho de Capistrano de Abreu o "ideal moderno era apregoado por pessoas altamente convencidas da sua excelência".

Essa Escola Popular era bem uma cópia do "Cenáculo", instituído em Portugal em 1871, por um grupo de escritores, entre os quais se contavam Eça de Queirós, Antero de Quental, Ramalho Ortigão e Oliveira Martins.

Continuava Araripe Júnior, na hora crepuscular da vida, acreditando firmemente na ciência como dispensadora do progresso, como fonte indubitável do positivo e do humano.

Se ainda hoje ele vivesse, estaria desencantado com a taumaturgia do progresso científico, porque a ciência moderna se nos apresenta cada vez mais sob o signo da incerteza e do terror. Como diz Raymond Tristan, "a experiência de Lavoisier nos encheu de confiança. Cláudio Bernard deu-nos a segurança. Augusto Comte ofereceu um "fauteil" ao espírito. Mas Hiroshima, e Bikini? Todos nós trememos ao pensar no que pode surgir dessas crateras. E infelizmente sabemos que das mesmas sòmente sairá o vazio e o aniquilamento".

Dizia Joseph de Maistre que é preciso sair de si mesmo, elevar-se bem alto, para ver o mundo, em vez de ver apenas uma parte do mundo. Efectivamente, toda vista a distância é atenuada pela própria distância e pela consciência que se tem de ser apenas um ponto na sucessão do tempo e no desdobrar dos espaços.

Há um século atrás nascia nesta cidade de Fortaleza uma criança que, apenas com seis anos, viajava para longes terras. A adolescência e a mocidade transcorreram fora do Ceará, de que só tinha raras notícias e vagas saudades. Mas nas veias lhe corria o sangue generoso e heróico dos Alencares. Suas vistas

não deixaram nunca de voltar-se para o lugar do nascimento, a que mais tarde iria dar glória e brilho.

Os tempos se passaram. O escritor, o jornalista, o jurisconsulto entrou para a história, honrando o nome cearense e conquistando assim o direito de receber do futuro, de que se tornara contemporâneo, as homenagens devidas a quantos servem à Pátria e dão beleza ao seu nome.

Cabe a nós, seus contemporâneos de hoje, festejar este centenário que todo o Brasil intelectual, comemora numa aura de respeito e de admiração. Sobretudo, dessa admiração, que dilata a alma e que eleva a expressão do pensamento às mais altas manifestações artísticas.

Mas, força é confessar que, referentemente a Araripe Júnior, pouco temos feito na altura dos méritos. Nem uma rua nossa lhe traz o nome e pouco sabemos da sua vida e da sua obra. Nunca é tarde, porém, para agradecer. Que o Instituto do Ceará, que o teve como sócio correspondente, não deixe continuar no olvido a memória desse ilustre rebento dos Alencares e que, como seus maiores, deu ao Ceará posição de relevo na história literária do Brasil.

Como diz Ronald de Carvalho, muito lhe deve a nossa literatura. Em face disso, muito lhe deve o Ceará. Volvamo-nos para sua figura que o tempo vai esmaecendo com muita rapidez, e prestemos à sua memória as homenagens de que ele se fez digno. E já que não podemos depositar em seu túmulo distante as flores da gratidão, nesta hora de recordação e de saudade mandemos uma prece de conforto para o seu espírito, que a imortalidade verdadeira deve ter aquinhoado com a felicidade que não acaba e com a paz que não tem fim.